

Circuitos evangélicos do Nordeste: contexto geral e caso potiguar

Evangelical circuits in Brazilian Northeast region:
general context and the Potiguar case

*Waldney de Souza Rodrigues Costa**

 <https://doi.org/10.29327/256659.12.2-7>

Resumo:

Embora a Região Nordeste seja conhecida como a mais católica do Brasil, possui um grande contingente de evangélicos, especialmente nos centros urbanos do litoral. Esse artigo é escrito com o intuito de contextualizar essa presença evangélica no Nordeste, demonstrando a plausibilidade de que aquilo que ocorre em Natal-RN também esteja ocorrendo em outras cidades da região. Para isso, inicialmente serão analisados os dados do Censo do IBGE realizado em 2010, com foco na dinâmica da urbanização do Nordeste. Depois, será apresentado o circuito evangélico como um recurso teórico que possa ajudar na interpretação dos dados. Por fim, o recurso será aplicado à capital do Rio Grande do Norte, mapeando o seu circuito a partir dos resultados de pesquisas qualitativas. Como será possível perceber, o circuito da capital potiguar é um caso que pode ilustrar um pouco da dinâmica que ocorre Nordeste afora, assim como em outros centros urbanos do Brasil. Uma dinâmica em que, embora as igrejas permaneçam importantes, as referências da fé evangélica estão espalhadas por vários eixos que estão para além delas e acabam conformando um espaço de circulação de adeptos, curiosos e simpatizantes em meio às próprias referências.

Palavras-chave: Protestantismo e pentecostalismo. Nordeste brasileiro. Religião e urbanização. Rio Grande do Norte.

Abstract:

Although the Brazilian Northeast Region is known as the most Catholic in Brazil, it has a large contingent of evangelicals, especially in urban centers along the coast. This article is written with the aim of contextualizing this evangelical presence in the Northeast Region, demonstrating that the plausibility of what happens in Natal city (RN) also happens in other cities in the region. For this, some data from the IBGE Census carried out in 2010 are initially analyzed, with a focus on the dynamics of urbanization in the Northeast Region. Afterwards, the evangelical circuit as a theoretical resource that can help in interpreting the data shall be presented. Finally, the resource to Rio Grande do Norte capital city is applied, mapping its circuit based on the results of qualitative researches.

*Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor e Chefe do Departamento de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: professorordney@gmail.com.

As you can see, the circuit of the Potiguar capital city is a case that can illustrate the dynamics that occur throughout the Northeast Region, and in the urban centres of Brazil as a whole. The dynamics in which the references of the evangelical faith are spread over several axes beyond them, although the churches remain important, which end up forming a space for the circulation of adherents, curious people and sympathisers among them.

Keywords: Protestantism and Pentecostalism; Brazilian Northeast region; Religion and urbanization; Rio Grande do Norte (Brazil).

Pontos de partida

Quando se fala em religião no Nordeste, a primeira imagem que vem à mente é a do catolicismo, especialmente o não oficial, geralmente chamado de popular. Festas, santos não canônicos, benzedeiras, padroeiras... Tudo isso faz parte dessa imagem que não está tão distante da realidade, uma vez que os próprios recenseamentos recentes têm demonstrado que essa região do Brasil possui uma proporção maior de católicos que as demais. No entanto, os mesmos recenseamentos indicam um grande contingente de evangélicos no Nordeste. São quase 9 milhões segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE, o que é mais de 20% do total de evangélicos do país. Como isso ocorre e o que representa para a discussão sobre as religiões no Nordeste?

Esse artigo é escrito com o intuito de contribuir com essa discussão, contextualizando essa presença evangélica no Nordeste em duas frentes: primeiro analisando alguns dados das declarações religiosas deste último recenseamento do IBGE, colocando-as em função de grandes centros urbanos nordestinos; depois fazendo uma descrição mais qualitativa do caso da Região Metropolitana de Natal (RN) para que sirva de indicador do que pode estar ocorrendo nos demais centros e não pode ser visualizado imediatamente na quantificação de autodeclarações.

A aposta é que, ao trabalhar com dados do Nordeste e da região no entorno da capital potiguar, seja possível visualizar dinâmicas religiosas que estão para além desses lugares, como um exercício exploratório que não pretende encerrar, mas abrir uma discussão sobre o que é ser evangélico, nesse sentido mais abrangente e menos referenciado em igrejas ou denominações específicas. Para isso, na passagem da contextualização do Nordeste à descrição de Natal-RN será introduzida a noção de circuito evangélico como um recurso analítico que permite a visualização da articulação entre o que ocorre nas igrejas e o que ocorre fora

delas, especialmente no lazer e no consumo. É ela que tornará mais explícitas as dinâmicas em questão.

Evangélicos no campo religioso brasileiro e a questão do Nordeste

Um dos fatos mais comentados a respeito do campo religioso brasileiro é o declínio do catolicismo, mas ele não vem sozinho. Dizia Pierre Sanchis (2018) que ele sempre vem acompanhado de uma ampliação da diversidade religiosa. Pondera o autor que muito dessa ampliação pode estar relacionada à mudança recente dos instrumentos de análise das religiões. Porém, não há como negar que existam transformações reais em jogo. O Brasil está passando por uma transição religiosa marcada pela queda da hegemonia católica (ALVES, BARROS, CAVENAGHI, 2012).

É claro que qualquer especialista em catolicismo no Brasil se incomoda com essa redução. Há muito mais coisas acontecendo no mundo católico, uma vez que a perda do número de adeptos é acompanhada por uma diversificação interna. Porém, é essa perda que salta aos olhos quando se trabalha dentro do paradigma de campo religioso. Como explica Bourdieu (2011), quem diz campo, diz campo de forças, forças em oposição. Enquanto uma demonstra menos vigor, outra emerge. Isso cria um procedimento específico de análise das religiões que não explicita tudo a respeito delas, mas aprimora o olhar para aspectos específicos. No caso, os aspectos da concorrência entre elas. Embora muitos utilizem livremente o termo campo, acionando apenas a ideia de microcosmo relativamente autônomo (BOURDIEU, 2004), na origem, ele também carrega essa predileção pela análise da concorrência entre as forças internas e isso também se aplica ao campo religioso.

No caso do Brasil, tornou-se muito comum uma adaptação da proposta inicial de Bourdieu (2007). Se na origem, ao falar de religião, o autor se vale de tipos ideais weberianos, aqui, esses tipos foram substituídos por religiões presentes no território nacional. Ao mapear as forças que se enfrentam no campo religioso, ao invés de tratar da luta entre o mago, o profeta e o sacerdote, como é recorrente nas análises bourdianas (BOURDIEU, 2004, 2011), os brasileiros preferem falar do catolicismo e sua relação com outras religiões que emergem como forças concorrentes. Assim aparecem os evangélicos: uma força que emerge como principal ameaça à hegemonia católica.

Há um porém. Essa constatação adveio de muitos meios, mas principalmente dos últimos recenseamentos. Para mapear o campo religioso brasileiro e as principais forças emergentes, tornou-se comum o uso dos dados dos sucessivos Censos realizados pelo IBGE. Eles deixam muitas lacunas, é verdade, constituindo mais como pontos de partida para outras análises do que respostas definitivas para as inquietações a respeito das religiões no Brasil. Contudo, o seu conjunto constitui uma espécie de retrato da nação (MENEZES, 2013). Para reconstituir o filme são necessárias outras pesquisas. Mas isso não muda o fato de que, com esses dados, tem-se uma imagem do que está ocorrendo no país. E em que posição os evangélicos aparecem nessa foto? Em ascensão? Sim, mas com uma maior dificuldade de crescimento na Região Nordeste.

O IBGE vem registrando o crescimento evangélico em sucessivas pesquisas censitárias. O percentual de brasileiros que assim se identificam passou de cerca de 6,6% no Censo de 1980 para 9,0% no de 1991 e para 15,5 % no de 2000, chegando a 22,2% no de 2010.¹ Só que a região Nordeste, aparentemente, não está acompanhando essa direção nacional. Perceba a diferença na tabela abaixo:

Tabela 1: Percentual das declarações religiosas nas Grandes Regiões do Brasil

Declaração religiosa	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil
Católica	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6	64,7
Evangélica	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8	22,2
Espírita	0,5	0,8	3	2	2,3	2,0
Afro-Brasileira	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1	0,3
Sem Religião	7,8	8,3	9	4,8	8,4	8
Outra	2,5	2,1	3,5	2,3	2,8	2,7

Fonte: Produzido pelo autor a partir dos dados do Censo 2010 do IBGE.

Com essa imagem, a primeira impressão é que o que acontece no Nordeste em matéria de religião estaria destoando daquilo que ocorre no país. E se variarmos as autodeclarações por Estado da Federação, essa diferença pode se tornar ainda maior. Só o Pernambuco parece se aproximar da proporção de população evangélica do país, e, com a Bahia, se aproximar da proporção de católicos. O que será possível conferir na próxima tabela:

Tabela 2: Percentual das declarações religiosas na Região Nordeste do Brasil

Declaração religiosa	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	Br
Católica	74,5	85,1	78,9	76	77	66	72,3	76,4	65,3	64,7
Evangélica	17,2	9,7	14,6	15,4	15,2	20,3	15,9	11,8	17,4	22,2
Espírita	0,2	0,3	0,6	0,8	0,6	1,4	0,6	1,1	1,1	2,0
Afro-Brasileira	0,1	0,1	0,1	0,04	0,1	0,1	0,1	0,2	0,3	0,3
Sem Religião	6,6	3,4	4,3	6,4	5,7	10,4	9,7	8,6	12	8
Outra	1,4	1,4	1,5	1,9	1,4	1,8	1,4	2,3	3,9	2,8

Fonte: Produzido pelo autor a partir dos dados do Censo 2010 do IBGE.

Será que o Nordeste, de fato, não está acompanhando a transição religiosa do Brasil? A resposta a essa questão não pode ser dada sem levar em conta um dos eixos mais importantes dessa transição: a urbanização. Alves, Barros e Cavenaghi (2012), analisando os dados do Censo de 2010, indicam que os evangélicos levam vantagem sobre os católicos nas regiões mais sujeitas à metropolização. Inclusive relacionam o fato de a Região Metropolitana do Rio de Janeiro estar com a transição religiosa cerca de 30 anos à frente da transição do país com o fato de o Rio de Janeiro ser o Estado mais urbanizado (ALVES, BARROS e CAVENAGHI, 2012). Sendo assim, embora a Região Nordeste como um todo apresente um certo contraste em relação ao Brasil, talvez tenha algo diferente a mostrar em seus centros urbanos. Isso nós podemos conferir. Iniciemos com a análise das declarações nas capitais:

Tabela 3: Percentual das declarações religiosas nas capitais do Nordeste do Brasil

Declaração religiosa	São Luís (MA)	Teresina (PI)	Fortaleza (CE)	Natal (RN)	João Pessoa (PB)	Recife (PE)	Maceió (AL)	Aracaju (SE)	Salvador (BA)
Católica	65,9	79,0	67,9	67,4	63,3	54,3	62,0	70,9	51,6
Evangélica	23,6	13,3	21,4	20,9	24,0	25,0	23,7	15,2	19,6
Espírita	0,6	0,9	1,3	1,8	1,8	3,6	1,4	2,7	3,2
Afro-Brasileira	0,1	0,2	0,2	0,1	0,2	0,2	0,1	0,4	1,0
Sem Religião	7,7	4,5	6,7	7,9	8,2	14,6	10,5	8,3	17,6
Outra	2,1	2,1	2,5	1,9	2,5	2,3	2,3	2,5	7,0

Fonte: Produzido pelo autor a partir dos dados do Censo 2010 do IBGE.

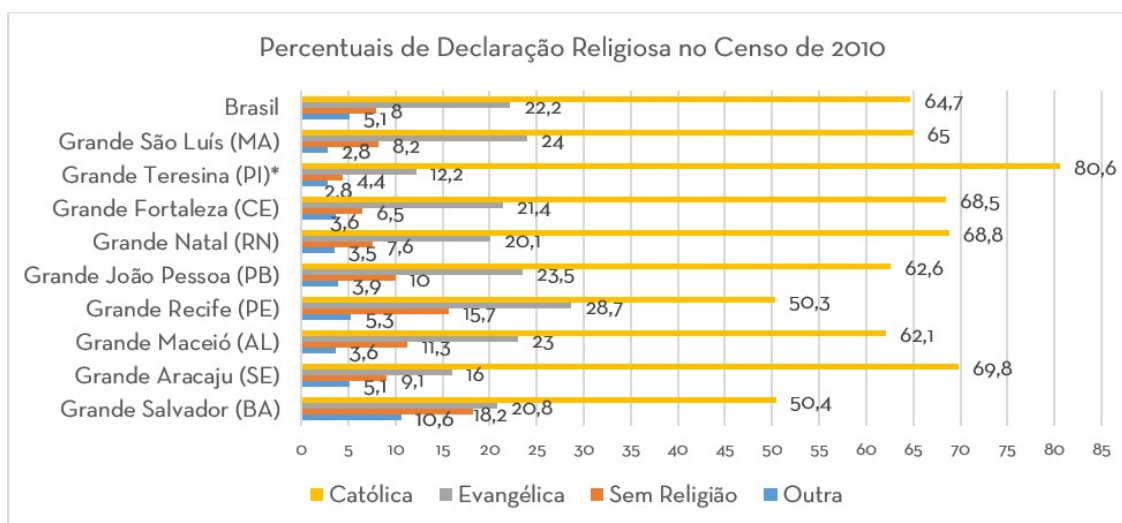
Como se pode perceber, ao segregarmos os dados das capitais do Nordeste, as proporções se aproximam muito mais das identificadas no quadro geral do país. Quase todas as nove cidades possuem um percentual de evangélicos próximo ao percentual nacional (22,2%). Apenas Teresina, no Piauí (13,3%) e Aracaju, no Sergipe (15,2%) estão a mais de três pontos percentuais de distância para baixo.

Quanto a isso, é preciso levar em conta que:

Apesar do processo de urbanização na região Nordeste ter sido um pouco mais lento em comparação a outras regiões do país, sobretudo frente ao Sudeste, no final do século XX, grandes cidades nordestinas, algumas constituídas como regiões metropolitanas consolidadas, apareceram como espaços de grande concentração populacional e de atividades econômicas mais avançadas (BEZERRA, 2020, p. 396).

A concentração populacional sempre foi um fator associado ao crescimento da proporção de evangélicos e as capitais do Nordeste não parecem fugir à regra. Algo que não se aplica apenas a essas cidades. Se expandirmos o escopo de análise para as Regiões Metropolitanas que surgem a partir das capitais², tem-se um quadro que também está muito próximo do brasileiro:

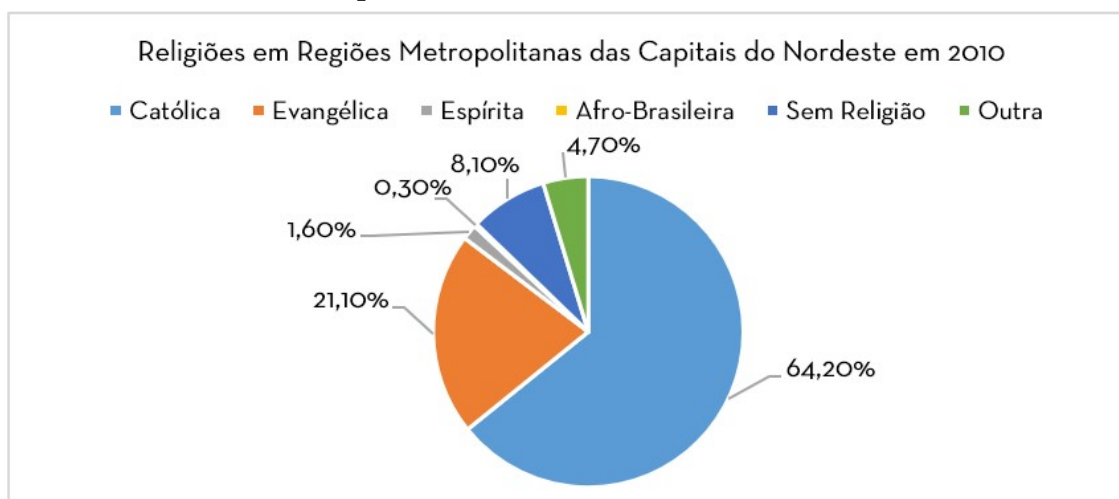
Gráfico 1: Percentual das declarações religiosas em Regiões Metropolitanas do Nordeste do Brasil em 2010³



Fonte: Produzido pelo autor a partir dos dados do Censo 2010 do IBGE.

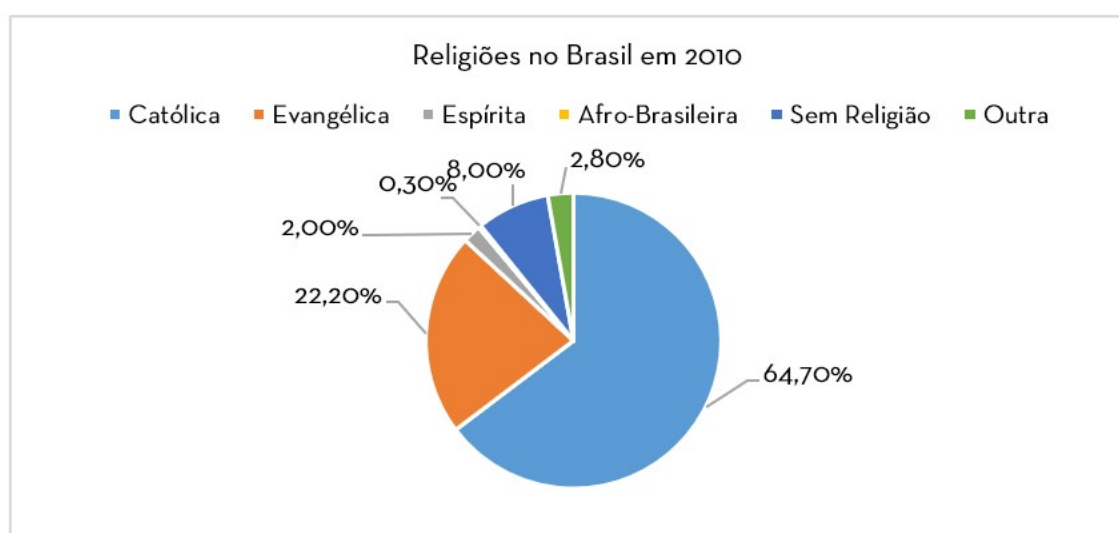
Novamente, com as exceções da Grande Teresina (12,2%) e da Grande Aracaju (16%), a proporção de evangélicos na população apresenta-se próxima ou acima da proporção do país. Para se ter uma ideia do grau de proximidade, vide abaixo um gráfico gerado com a junção dos dados do gráfico anterior, seguido de um gráfico do Brasil:

Gráfico 2: Percentual das declarações religiosas em Regiões Metropolitanas das capitais do Nordeste do Brasil em 2010



Fonte: Produzida pelo autor a partir de dados do Censo 2010 do IBGE.

Gráfico 3: Percentual das declarações religiosas no Brasil em 2010



Fonte: Produzida pelo autor a partir de dados do Censo 2010 do IBGE.

Com esse procedimento, tem-se, no conjunto das Regiões Metropolitanas que surgem a partir das capitais do Nordeste, uma imagem das declarações religiosas que se aproxima da imagem do Brasil. É um indicativo de que, embora essa região possua especificidades, não é correto afirmar que ela não esteja acompanhando a transição religiosa do país. No caso nordestino, essa transição é mais experimentada ao litoral, onde se encontram os centros administrativos, caracterizados pela maior metropolização. Nesse contexto, importa saber como essa urbanização favorece o crescimento evangélico. A descrição do caso da Região Metropolitana de Natal-RN pode contribuir nessa direção. Porém, nesse artigo,

ela dependerá da compreensão de um recurso analítico específico que foi desenvolvido em meio a uma pesquisa etnográfica anterior e será apresentado a seguir.

O circuito evangélico como recurso analítico

“O crente não vai só da casa pra igreja e da igreja pra casa. Tem muito mais coisas que crente faz!”. Se não entender essa dinâmica fica difícil compreender o que é ser evangélico em Natal (RN) ou em qualquer lugar. Isso vale para quase todo o Brasil. É claro que em áreas mais afastadas dos centros urbanos há grupos mais isolados, um pouco mais restritos a uma igreja. Mas até nesses lugares, quando chega a internet, evangélicos de lá entram em contato com outros de fora e nessa interação passam a fazer parte de uma realidade mais ampla. Nela, a igreja é uma das referências de fé. Não a única. Para alguns, nem a mais importante.

Foi para facilitar o entendimento dessa dinâmica que criei o conceito de circuito evangélico, inspirado nos trabalhos em antropologia urbana desenvolvidos por Magnani (2012). A fim de tornar o texto mais fluido e não muito extenso, não farei a exposição do passo a passo da etnografia que levou a isso. Ele pode ser consultado em Costa (2019). Em termos bem gerais, consistiu em duas etapas, realizadas entre 2013 e 2018; uma seguindo um grupo de evangélicos por diferentes espaços em que se encontram, outra seguindo canções por diferentes espaços em que são utilizadas por evangélicos. A frase com a qual abri essa seção me foi dita por uma jovem com quem interagi na primeira etapa. Parte da observação participante foi realizada em Natal (RN) e servirá de base para a descrição a seguir. Quando não for o caso, serão indicadas as pesquisas complementares. Mas o ponto central é que, adotando esse procedimento, deparei-me com uma dinâmica que integrava evangélicos de diferentes denominações, ou seja, de diferentes “famílias de igrejas”, como dizia Antônio Gouvêa Mendonça (1995) ao se referir aos conglomerados batistas, metodistas, presbiterianos, entre outros. O conceito de circuito evangélico diz respeito à ampla circulação que ocorre entre as pessoas que participam deles. E não apenas entre elas. Essa circulação acaba envolvendo também quem tem alguma curiosidade ou simpatia por algo desse universo religioso, ainda que não tenha se convertido e não seja membro de nenhuma igreja.

Mas o que é que circula? Primeiramente, as próprias pessoas. Houve um tempo em que cada crente ficava mais restrito ao ambiente da sua igreja ou de

uma denominação. Isso é cada vez mais raro. Tanto que criou um problema para a análise do campo religioso brasileiro. Durante muito tempo, buscou-se separar protestantes e pentecostais nas interpretações, mas a grande quantidade de respostas genéricas complicou bastante essa distinção. Mariz e Gracino Júnior (2013) explicam que, quando o agente censitário pergunta *Qual a sua religião ou culto?* pode ser que a pessoa não entenda imediatamente que se espera que ela responda a igreja de que faz parte ou, mesmo entendendo, não julgue necessário. Daí o contingente de 9,2 milhões de declarações religiosas que acabaram categorizadas como *evangélica não determinada*. Podem ser pentecostais, não pentecostais ou até pessoas sem vínculo institucional. Não dá para saber ao certo. Até porque, pelo que observei em minha pesquisa de campo (realizada em Natal-RN, mas não só), na prática, o que nenhum crente tem deixado de fazer é visitar. Até consideram importante ter uma congregação de referência principal, onde se ocupa algum cargo ou se exerce algum trabalho mais frequente, mas ir a um culto ou dois da igreja de um amigo crente de outra denominação tornou-se muito comum. Isso sem contar os eventos que, organizados por igrejas maiores, empresas ou alguma ONG, acabam atraindo pessoas que frequentam igrejas evangélicas dos mais variados tipos. Foi neles que realizei boa parte da minha observação participante.

Pessoas circulam e, com elas, uma série de coisas. E nesse ponto é preciso usar a ideia de coisa mesmo, pois a variedade é grande. Vai de Bíblia a bijuteria, de gravações de pregações a cadernos com mensagens do Smilinguido, de livros a vídeos no YouTube. Uma extensa cultura material em movimento. Crentes, no exercício de sua fé, criam coisas, e elas circulam bastante. Mais que as próprias pessoas. A parte mais visível dessa circulação pode até ser pensada como uma espécie de cultura pública, como descreve Giumbelli (2014).

Circulam pessoas, circulam coisas e circulam em diferentes espaços. Físicos ou virtuais, locais ou globais. Há circulação em uma pequena comunidade na periferia, mas também nas amplas redes internacionais. Neste exato momento, a música gospel que uma mãe canta baixinho em um bairro da periferia tentando fazer sua filha dormir pode ser a mesma tocada pela banda de alguma igreja no Japão, ou no carro de algum jogador de futebol que, na Europa, escuta com saudades de sua família no Brasil. É claro que nem tudo e nem todas as pessoas circulam com toda essa extensão, mas o movimento é tal que seu mapeamento escapa a qualquer crente ou pastor.

Sendo assim, um circuito evangélico é algo que surge em paralelo às igrejas, embora se mantenha em relação com elas. Como o dilema do ovo e da galinha, é difícil dizer qual nasce primeiro. Faz sentido pensar que as igrejas surgem antes, mas o trânsito pelo circuito pode inspirar pessoas a criarem novas igrejas, daí a dificuldade. Em todo caso, para a sua melhor compreensão, é melhor tratar os termos protestantismo de imigração, protestantismo de missão, pentecostalismo e neopentecostalismo, tão presentes na literatura, como formas de qualificar igrejas e/ou denominações, não o circuito. Sempre quando esses termos são discutidos, é comum a indicação de denominações de referência para a categoria, como a Luterana para o protestantismo de imigração, a Metodista para o protestantismo de missão, a Assembleia de Deus para o pentecostalismo e a Igreja Universal do Reino de Deus para o neopentecostalismo⁴. Isso pode ser conferido nos textos clássicos de Mendonça (1995) e Mariano (1999), mas é uma constante na literatura. Essa é uma espécie de estrutura de base a partir da qual os evangélicos se movimentam. Só que existe uma realidade que emergiu a partir dessa base e se mantém paralela a ela. Mafra (2001) deu um passo importante ao abrigar toda a discussão na categoria comum de *evangélico* e essa parece ser a melhor forma de qualificar uma realidade que afeta todas as denominações, pentecostais ou não, sem pertencer a nenhuma.

Parafraseando Malinowski (2016), poderíamos dizer que a estrutura de base, formada pelas diferentes denominações, é o *esqueleto* dessa fé. É preciso desvendar a *carne* e o *sangue* para que se compreenda a sua vitalidade. Quanto à primeira, podemos falar da disposição dos corpos nos espaços. O processo de urbanização faz com que os diferentes entrem em contato. A maior quantidade de pessoas presentes em um mesmo espaço compartilhado abre caminhos para mudanças, inclusive de religião. Mas também permite que semelhantes se encontrem e se vejam como tal. Uma igreja minoritária, quando percebida como próxima a outras, passa a constituir um grupo que talvez já não seja tão minoritário. Assim é com os evangélicos.

Mas essa nova percepção só é possível se traduzida em termos que aglutinem as pessoas de diferentes igrejas. Foi assim que *crente* se tornou uma forma de se referir às pessoas que têm ligação com alguma igreja categorizada nos termos citados anteriormente. Só que ela é mais usada entre os próprios envolvidos, sobretudo quando querem fazer algum gracejo entre si. Quando interagem com quem não é crente, preferem o termo evangélico ou cristão. O problema é que cristão aqui no Brasil sempre carece de clareza por conta da forte presença cató-

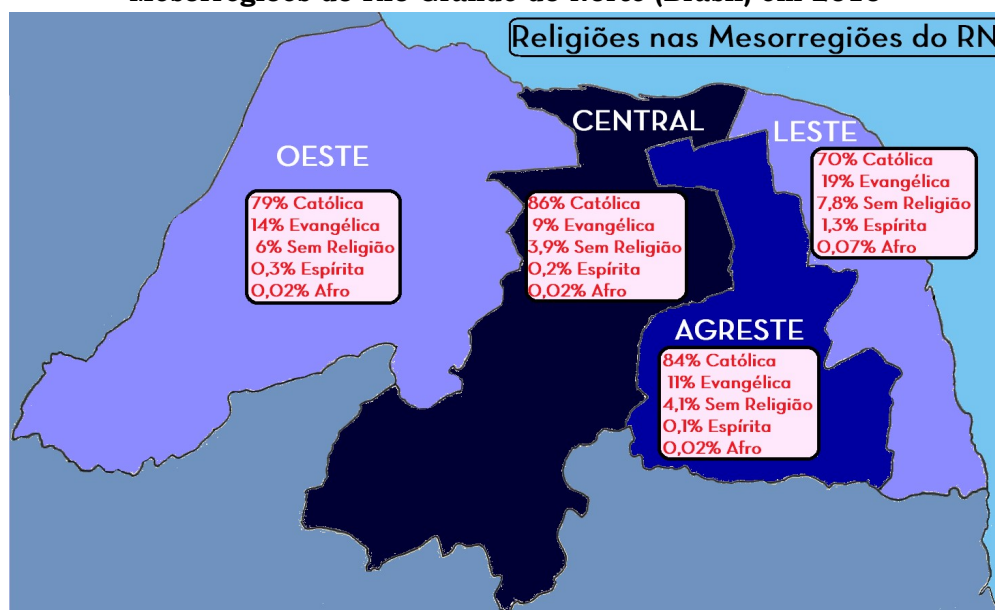
lica. Assim, o termo *evangélico* acabou se tornando o mais comum. E ele ainda divide espaço com o *gospel*, que é muito utilizado para qualificar coisas que possam ser comercializadas, como músicas, shows, programas de TV, revistas, entre outras. Mas o mais importante é que, no fim das contas, o avanço da urbanização no Brasil traz consigo a popularidade dos termos *crente*, *evangélico* e *gospel* nas regiões metropolitanas. E esses termos só fazem algum sentido porque existe um *sangue* circulando entre essa *carne*. A ideia de circuito é útil para a sua descrição.

É a partir dessa chave interpretativa que se pode entender a presença evangélica em centros urbanos do Nordeste. Ela é volátil o suficiente para ser adaptada a diferentes cenários, podendo ser reduzida a um bairro, um conjunto de ruas, ou expandida para um Estado, uma Região, o Brasil... A seguir, Natal (RN) se tornará uma espécie de laboratório, onde o conceito de circuito evangélico é testado como instrumento de identificação de dinâmicas locais.

Caso potiguar: o circuito evangélico de Natal – RN

Vimos na contextualização inicial que a urbanização tem alterado o perfil social da população brasileira e nordestina, e a transição religiosa faz parte dessa alteração. Isso é algo que pode ser visualizado Rio Grande do Norte, especialmente nas diferenças entre as suas mesorregiões:

Figura 1: Distribuição das declarações religiosas em Mesorregiões do Rio Grande do Norte (Brasil) em 2010



Fonte: Produzida pelo autor a partir de dados do Censo 2010 do IBGE.

É visível na imagem acima que, no Rio Grande do Norte, o catolicismo parece ter medo de água. Quanto mais perto do litoral, menor a proporção de católicos de uma mesorregião. Mas isso nada tem a ver com a água. O que está em jogo é a urbanização que, via de regra, é mais intensa no litoral, já que boa parte do desenvolvimento começou por lá. A Mesorregião Oeste destoa da regra exatamente por conta de Mossoró que, embora tenha uma localização diferente, participa do processo como integrante de uma rede urbana interiorizada (BEZERRA, 2020).

Conhecida como a “noiva do sol”, a capital do Rio Grande do Norte ainda possui alguns acentos em relação ao restante do Estado. Sua Região Metropolitana, na atual configuração, é a quarta maior aglomeração urbana do nordeste brasileiro, constituída por Natal e outros treze municípios (Arês, Ceará Mirim, Extremoz, Goianinha, Ielmo Marinho, Macaíba, Maxaranguape, Monte Alegre, Nísia Floresta Parnamirim, São Gonçalo do Amarante, São José do Mipibu e Vera Cruz). Essa diferença quanto à urbanização é acompanhada de uma variação na distribuição das declarações religiosas:

Tabela 6: Percentual das declarações religiosas em 2010 – Comparação RN/Brasil

Declaração religiosa	Natal	Região Metropolitana de Natal	Rio Grande do Norte	Nordeste	Brasil
Católica	67	69	76	72	65
Evangélica	21	20,5	15	16	22
Espírita	1,8	1,5	0,7	0,8	2,0
Afro-brasileira	0,08	0,09	0,04	0,16	0,3
Sem Religião	7,9	7,6	6,4	8,3	8
Outra	2,2	1,3	1,9	2,7	2,7

Fonte: Produzido pelo autor a partir dos dados do Censo 2010 do IBGE.

Como é possível perceber na tabela acima, o perfil de Natal e de sua Região Metropolitana é mais semelhante ao do Brasil do que ao do Nordeste ou do próprio RN. Chama a atenção a maior presença evangélica⁵. Natal (RN) experimentou, em meio à sua urbanização, tanto o surgimento de diferentes igrejas evangélicas, quanto a popularidade dos termos crente, gospel e evangélico. Já vimos que são coisas que ocorrem em paralelo e podem se retroalimentar. A questão agora é descrever como isso ocorre nessa região.

Já foi dito no tópico anterior que a circulação aqui em jogo se dá entre pessoas e coisas. Ela se torna mais evidente em lugares que se tornam eixos de encontro e passagem e a descrição será focada neles. Podem existir outros, mas

destacarei alguns mais evidentes. A perspectiva é a mesma de Meredith McGuire (2008) que considera que, para entender uma religião, não basta estudar os pacotes estruturados pelas instituições religiosas, é preciso levar em conta como as pessoas vivem a sua fé no dia a dia de suas vidas. Isso é muito importante no caso evangélico, pois, muitas vezes, a própria residência de cada crente torna-se um espaço de circulação de expressões de fé. Primeiro, por que as próprias igrejas costumam estimular reuniões caseiras, embora deem nomes diferentes para isso. “Células”, “grupo caseiro”, “reunião no lar”, “culto em casa”, o nome pouco importa. O fato é que muitos crentes abrem as salas e cozinhas de suas casas para reuniões com intuito religioso. Há até a intenção de chamar aquele vizinho não crente para participar: quem sabe ele não se converte? Porém, tornou-se habitual convidar também, amigos crentes, membros de outras igrejas. Participar do culto na casa de um amigo é uma corriqueira expressão de camaradagem. Uma forma de aproximar colegas de trabalho, de escola, de faculdade, do curso de inglês, etc.

Encontros desse tipo permitem trocas religiosas, com certeza, mas o mais importante nem é a reunião em si, mas o que ocorre depois dela. Quando o culto acaba e tem-se algum lanche ou coisa do tipo, sempre há conversa e, com ela, troca de ideias. E também pode ocorrer algum empréstimo de livro, CD, DVD, Bíblia, etc. Ou o compartilhamento de algum arquivo digital, com conteúdos do tipo. Tem gente que já vai para a reunião com um pendrive no bolso. Se você mora em Natal (RN) e uma vez por semana escuta algum barulho de conversas e cantos aí na casa de algum vizinho ou na sala de reuniões do condomínio, saiba que há uma dinâmica religiosa operando ali. Assim, um espaço aparentemente privado torna-se um eixo de circulação.

É o que também acontece com os automóveis. Como descreve Roberto DaMatta (2012), no Brasil, de modo geral, quando entram no espaço familiar, os carros deixam de ser objetos pessoais e são dotados de afeto. Se mais antigo costuma até ganhar algum apelido. Como uma espécie de extensão da casa na via pública, muitos gostam de dar ao automóvel algum marcador familiar. No caso evangélico, eu acrescentaria que pode ser uma Bíblia no painel, alguns cartões do Smilinguido no porta luvas, um adesivo na traseira com algum símbolo ou versículo bíblico. Há até os mais ousados colocam frases inteiras, tais como “foi Deus que me deu”, em tamanhos bem chamativos. É só reparar nos carros parados no sinal de qualquer Avenida em Natal (RN) que sempre dá para identificar

algum desse tipo. E, em automóveis, quando um crente dá carona para seu amigo de outra igreja, surge outro espaço de troca. É claro que ela não precisa necessariamente ter a ver com religião, mas é comum que os crentes troquem, nem que sejam só ideias, sobre suas experiências de fé. É outro eixo de circulação, embora também um pouco mais privado.

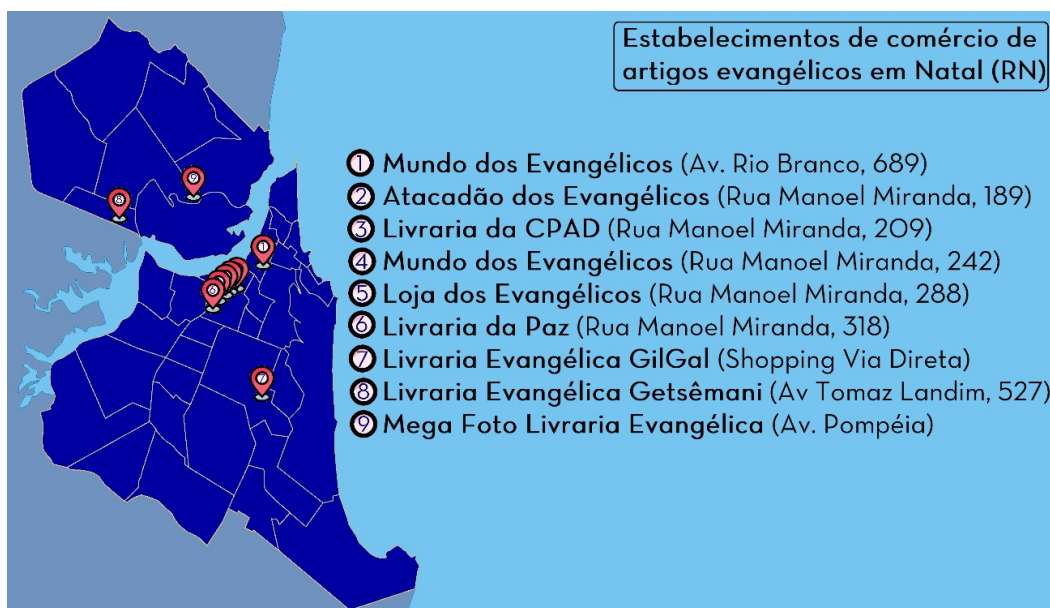
O circuito evangélico começa a ficar mais visível ao público através dos espaços urbanos que são apropriados para oração comum. Conhecidos entre crentes como os “montes”, eles acabam se tornando lugares de peregrinação. Trata-se de algum espaço mais deserto e de acesso mais difícil, geralmente em algum ponto alto da cidade, onde evangélicos costumam se reunir para orar de forma mais reservada, porém pública e aberta à presença de membros de diferentes igrejas. Ir a lugares desse tipo é mais comum entre pentecostais, mas o clima de reserva e segredo aguça a curiosidade de muitos não pentecostais. Toda cidade com certa proporção de evangélicos tem algum espaço assim. Em Natal (RN) tem-se notícia de um em Pitimbu, no prolongamento da Av. Prudente de Moraes. Havia outros, mas situações de violência fizeram com que a peregrinação parasse. É o caso do espaço que havia em Felipe Camarão e de um outro nas dunas de Genipabu. Casos de assalto, assassinato e até estupro de pessoas que subiam para orar desencorajam novos grupos⁶. A Polícia Militar considera que esse hábito acaba colocando os fiéis em risco. Mas pode ser que tenham surgido outros espaços do tipo, divulgados só entre evangélicos mesmo.

Essa troca entre crentes diferentes faz com que muito do que acontece pela cidade seja de conhecimento corrente entre eles. Quem é mais frequente em uma igreja, depois de certo tempo de interação, passa a saber de muito do que ocorre em outras igrejas, as vezes bem diferentes da sua. Aliás, quanto mais diferente uma igreja, mais ela chama a atenção. Algumas se tornam, elas mesmas, centros de visitação de evangélicos, que vão ao seu culto nem que seja só uma vez para matar a curiosidade. A igreja *Videira*, em Igapó, na Zona Norte de Natal (RN), é um pouco assim. Muitos crentes, sobretudo jovens, ficam curiosos em saber como é o culto com as luzes apagadas e refletores coloridos. Na verdade, nem todo culto dessa igreja é assim, mas esse é o imaginário que se tem sobre ela. Coisas extraordinárias que surgem em uma igreja podem torná-la um eixo de circulação de evangélicos em geral.

Eventos são muito propícios para criar situações extraordinárias de peregrinação. Um show gospel do Fernandinho na Igreja Assembleia de Deus Bom Refúgio que fica próxima ao Midway, por exemplo, desencadeia uma série de fluxos evangélicos pela cidade. Membros de igrejas menores, que não teriam condição de promover algo do tipo, se deslocam em peso, o que gera até caravanas vindas de outros municípios. Ainda que essa igreja seja mais comum, no dia do evento ela não é. E cabe acrescentar que não só as igrejas promovem eventos evangélicos. Ao criar situações extraordinárias, diferentes organizações não eclesiais tornam-se eixos do circuito. Seja empresa privada, como a que promoveu um show da Gabriela Rocha no Teatro Riachuelo; ou ONGs, como a Associação Para a Promoção do Bem, que promoveu a *Expo Cristã Parnamirim (RN)* em um parque na Região Metropolitana de Natal; ou até mesmo instituições públicas, como a própria Prefeitura do Natal quando apoia, por exemplo, a *Marcha para Jesus* – evento evangélico que faz parte do calendário oficial de Natal (RN).

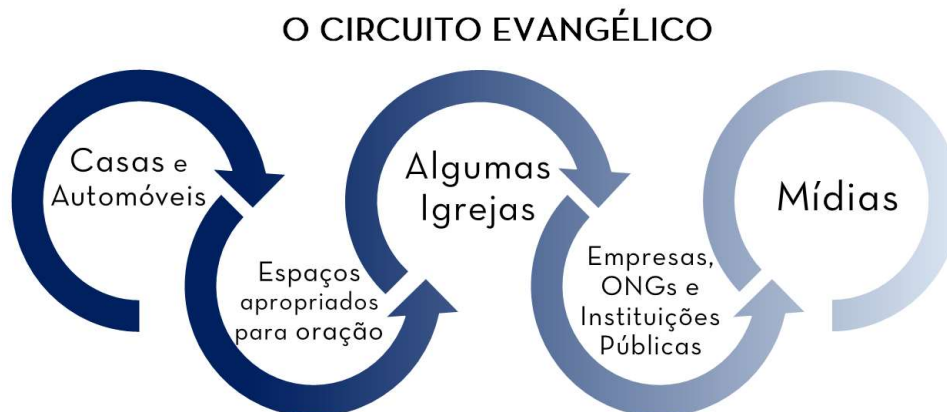
Em meio às organizações não eclesiais, há um tipo de empresa que merece destaque: as lojas de artigos evangélicos. Volta e meia elas estão envolvidas nos eventos, seja na promoção, na venda de ingressos, no apoio à divulgação, na montagem de barracas nas entradas dos shows. Só que essas lojas ultrapassam o escopo dos eventos. Elas mesmas são frequentadas por crentes de diferentes igrejas em busca de Bíblias, revistas de escola dominical, livros, camisetas, bijuterias, DVDs, CDs, entre outros. É nelas em que são adquiridas muitas coisas compartilhadas nos cultos caseiros e nas caronas. Qualquer pessoa pode reconhecê-las se estiver atenta ao andar pelos centros comerciais de Natal (RN). Segue um mapa com a localização de algumas:

Figura3: Localização de estabelecimentos de comércio de artigos religiosos em Natal – RN



Fonte: Produzida pelo autor (2021), a partir de pesquisas anteriores (Costa, 2019; Costa, Santos, Rocha Neto, 2018).

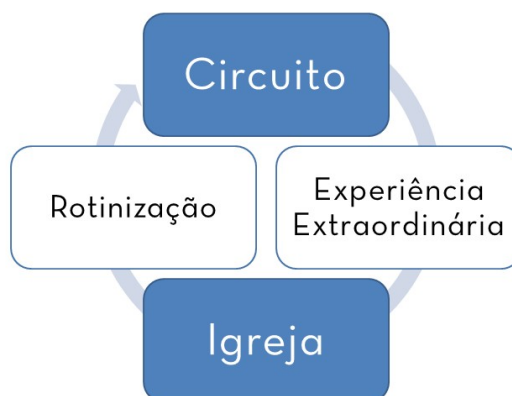
O eixo que ficou por último talvez seja o principal: as mídias⁷. Assim como as lojas, elas potencializam toda a circulação descrita anteriormente, mas em uma escala muito maior. E por mídia aqui, é preciso uma compreensão bem larga. Dispositivos e suportes de informação como Livros, Panfletos, CDs, DVDs, pendrives, cartões de memória, drives externos são também, ao seu modo, meios de acessar informações. Esses suportes de mídia fazem parte da influência mútua entre evangélicos. Essa influência é maior com as mídias de larga escala, como a TV e o rádio. Há programas vinculados a igrejas locais em canais de TV e estações de rádios potiguares, só que no caso do rádio há também estações propriamente evangélicas em Natal. A mais conhecida é a *Nordeste Evangélica FM 92.5*, mas é provável que existam muitas outras, inclusive algumas “piratas”, ou seja, sem registro oficial. Tais mídias fazem com que os crentes nem precisem mais do contato físico para se influenciar, algo que se amplia quando entra a internet e as mídias sociais, como WhatsApp, Facebook, Instagram e YouTube. Sua combinação com tudo o que foi descrito antes, gera uma rede gigantesca de influência mútua, que é autônoma em relação às igrejas. O resultado é a figura a seguir:

Figura4: Diagrama de ilustração de um circuito evangélico

Fonte: Produzida pelo autor com um recurso do PowerPoint, em ago. 2020.

Sendo assim, ser crente em Natal – RN, assim como em muitas regiões metropolitanas do Nordeste ou do Brasil, não é apenas ser membro de alguma igreja protestante ou pentecostal, mas também estar em relação com um circuito evangélico. O que ocorre a contragosto de alguns, pois a circulação não é livre, mas fortemente influenciada por grupos evangélicos específicos que fazem valer sua hegemonia, principalmente através das mídias. De toda forma, sobretudo em ambiente urbano, mas não só, o circuito evangélico tornou-se tão parte da experiência de ser crente quanto as próprias igrejas. Aliás, talvez esteja aí uma chave para entender os evangélicos que estão optando por ficar um pouco mais afastados das denominações. Elas não têm o monopólio das referências de fé e, em meio a isso, não está nada fácil ser pastor. Cada líder tem que dividir a atenção dos membros da igreja com muitas outras referências que não estão sob seu controle.

Mas a opção dos “desigrejados” está mais para exceção do que regra. O que os crentes geralmente fazem não é escolher entre o circuito e a sua igreja, mas combinar as duas dimensões. Exercitam sua fé em uma espécie de multiverso. Às reuniões comuns de sua igreja se vai quando se quer algo constante, mais perene, uma rotina; e ao circuito se vai quando busca uma novidade, o fortuito, algo incomum, extraordinário. Vivem em experiência circular, como ilustra a figura abaixo:

Figura5: Ilustração da conexão entre o circuito evangélico e as igrejas**O MULTIVERSO EVAGÉLICO**

Fonte: Produzida pelo autor com um recurso do PowerPoint, em ago. 2020.

Fechando um circuito, abrindo uma discussão

Essa descrição pode ser especialmente didática para entender fatos semelhantes que acontecem Brasil afora. Como dito anteriormente, o Nordeste tem suas questões, mas ainda assim está acompanhando a transição religiosa do país. O que é diferente nesse caso é que crente nordestino parece gostar muito de praia. Esse é só um gracejo para ilustrar. O que está em jogo é a urbanização que, via de regra, se dá a partir do litoral. Em toda a costa nordestina, onde se encontram os centros administrativos, a hegemonia católica está mais ameaçada com uma maior presença evangélica.

A presença evangélica em Natal (RN) está articulada com muitos elementos urbanos facilmente identificados em outras cidades da região. Sendo assim, podemos assumir que existe um circuito evangélico em cada região metropolitana nordestina à espera de descrição. A capital potiguar é um caso que ilumina como esse mapeamento pode começar. Quanto mais urbanizado é um local, mais a descrição feita nesse artigo pode iluminar a forma como os evangélicos se fazem presentes.

A ideia de circuito evangélico, como algo que surge em paralelo às igrejas, pode até deixar alguma lacuna, mas é um recurso útil para amarrar as informações, permitindo conhecer um pouco mais das cidades e dos próprios evangélicos que cada vez mais se declaram como tal, sem a preocupação de se referir a alguma igreja ou denominação específica.

Independente da autodeclaração religiosa, é bem provável que o Nordeste, assim como a capital potiguar, esteja repleto de pessoas assim. Cujas igrejas são apenas um dos lugares em que a religião acontece. Não o único, talvez nem o principal. A fé desse tipo é mediada por diferentes equipamentos da cidade e nós passamos por eles todos os dias, mas nem sempre nos damos conta dessa dinâmica religiosa à nossa volta. Estamos prenhes de instrumentos analíticos que nos permitam perceber disso e, percebendo, teorizar sobre. Quiçá a ideia de circuito possa sensibilizar a nossa percepção e aguçar nossas proposições teóricas.

Referências bibliográficas

ALVES, José Eustáquio Diniz; BARROS, Luiz Felipe Walter; CAVENAGHI, Suzana. A dinâmica das filiações religiosas no Brasil entre 2000 e 2010: diversificação e processo de mudança de hegemonia. *Rever*. São Paulo: PUC-SP, ano 12, n. 5, jul.-dez. de 2012. p. 145-174.

BEZERRA, Josué Alencar. Rede urbana interiorizada: novas conformações do território no Nordeste Brasileiro. *Sociedade & Natureza*. Uberlândia: UFU, v. 32, junho de 2020. p. 392-403.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília: UnB, v. 5, n. 1, jan.-julho de 2011. p. 193-216.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. *A economia das trocas simbólicas*. 6° ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 27-78.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. p. 17-29.

COSTA, Waldney. *Curtindo a presença de Deus: religião, lazer e consumo entre crentes e canções*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Juiz de Fora: UFJF, 2019.

COSTA, Waldney; SANTOS, Cláudio; ROCHA NETO, José. A presença pública das religiões na capital potiguar através de lojas de artigos religiosos. *Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia*, 6. Maceió – AL, 2018. *Anais...* Maceió: UFAL, 2018. Disponível em <https://www.doity.com.br/anais/ivncnrt/trabalho/65707>. Acesso em 3 de outubro de 2021.

CUNHA, Magali Nascimento. *Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo social*. Curitiba: Appris, 2019.

CUNHA, Magali Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Fé em Deus e pé na taboa: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

- DIAS, Zwinglio; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- GIUMBELLI, Emerson. *Símbolos religiosos em controvérsias*. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.
- MAFRA, Clara. *Os evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MAGNANI, José Cantor. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MALINOWSKI, Bonislaw. Introdução. CASTRO, Celso. *Textos básicos de Antropologia: cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 93- 114.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MARIZ, Cecília; GRACINO JÚNIOR, Paulo. As igrejas pentecostais no Censo 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata (org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 161-174.
- McGUIRE, Meredith. *Lived religion: faith and practice in everyday life*. New York: Oxford University Press, 2008.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 2º ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1995.
- MENESES, Renata. Às margens do Censo de 2010: expectativas, repercussões, limites e usos dos dados. TEIXEIRA, Faustino; MENESES, Renata (org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes: 2013. p. 331-346.
- SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. PASSOS, Mauro; PEREZ, Léa Freitas (org.). *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- VAN DEN BERG, Irene (org.). *Memória religiosa da cidade de Natal: coletânea de ensaios*. Natal: RN Editora, 2021.

¹A fim de padronizar e evitar qualquer confusão nas comparações, os dados mobilizados no texto ficaram restritos aos Censos realizados pelo IBGE, entretanto cabe registrar que outros organismos têm realizado estatísticas mais recentes que estimam que a proporção de evangélicos na população brasileira segue em crescimento. É o caso do Latinobarômetro que em 2018 estimou essa proporção em 25,7% e do Datafolha que em 2019 estimou em 31%. Latinobarômetro está disponível para consulta em <https://www.latinobarometro.org/latOnline.jsp>; Datafolha foi noticiado em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acessos em 3 de outubro de 2020.

² O processo tardio de urbanização do Nordeste faz com que os grandes centros de comando, geralmente localizados mais ao litoral, ainda ditem muito do processo, mantendo uma certa hierarquia face aos centros intermediários que compõem a rede urbana interiorana de constituição recente (Bezerra, 2020). Isso significa que nem todas as regiões

metropolitanas do Nordeste estão na mesma etapa de urbanização. Aquelas constituídas no entorno de centros regionais do interior, embora muito importantes para a região, ainda não experimentam as dinâmicas da metropolização por completo. Por isso a análise se ateve às Regiões Metropolitanas do entorno das capitais.

³ No caso de Grande Teresina, não se trata de Região Metropolitana, mas Região Integrada de Desenvolvimento, já que compreende não só municípios do Piauí, como também do Maranhão.

⁴Para uma discussão sobre as características das denominações mais presentes no Brasil, sugiro a consulta Dias, Portella e Rodrigues (2013).

⁵ Para uma discussão sobre as demais declarações religiosas que se destacam em Natal (RN), sugiro a consulta a Van den Berg (2021).

⁶ A título de exemplo, tem-se o noticiado em: Bandidos estupram jovem em dunas de Jenipabu – 14/05/2011 – Notícia – *Tribuna do Norte*. Acesso em 3 de outubro de 2020.

⁷Para aprofundar a discussão sobre o papel das mídias no crescimento evangélico, sugiro a consulta a Cunha (2007; 2019).

Recebido em 31/08/2021

Aceito para publicação em 17/09/2021